

A ACEITABILIDADE DO APAGAMENTO DO PRONOME REFLEXIVO “SE” PELOS ESTUDANTES GUINEENSES DO CURSO DE LETRAS DA UNILAB

Vaz Pinto Có
(UECE - Mestrando)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Vaz Pinto Có é mestrando em Linguística Aplicada, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA-UECE), Licenciado em Letras Língua Portuguesa, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Email: vazcopinto@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
O presente trabalho visa testar aceitabilidade do apagamento do pronome reflexivo “se” pelos estudantes guineenses do curso de Letras – Língua Portuguesa, da UNILAB. Para atingir este objetivo, primeiramente, analisamos as três gramáticas da língua portuguesa, com o intuito de observar como elas entendem o pronome reflexivo “se” (BECHARA, 2009; INFANTE; NICOLA, 1997; MESQUITA, 2010). E, em seguida, fizemos teste de aceitabilidade com 12 estudantes do curso de Letras, de ambos os sexos: seis sujeitos da pesquisa do sexo feminino e seis do sexo masculino, sendo que três, do sexo feminino, vivem no Brasil há mais de um ano, e três, do sexo masculino, há menos de um ano. O trabalho foi fundamentado na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; RUBIO, 2012). Nosso resultado mostrou que os estudantes guineenses aceitaram melhor uso do pronome reflexivo “se” do que o seu apagamento. Em relação aos fatores condicionantes, os do sexo masculino aceitaram mais inserção do pronome reflexivo, enquanto que os sujeitos da pesquisa do sexo feminino, o seu apagamento. Já que os estudantes que vivem mais tempo no Brasil aceitaram mais o uso do pronome reflexivo “se” em relação ao seu apagamento e os que vivem há menos tempo no Brasil, o apagamento do clítico reflexivo e sua inserção, obtivemos resultado semelhante.	The present work aims to test the acceptability of the erasure of the reflexive pronoun Se by Guinean students in the Portuguese Language course at UNILAB. To achieve this goal, first, we analyzed the three grammars of the Portuguese language in order to observe how they understand the reflexive pronoun Se (BECHARA, 2009; INFANTE & NICOLA, 1997; MESQUITA, 2010). And secondly, we did an acceptability test with 12 students of Literature of both sexes: 6 boys and 6 girls, we divided them as follows: 3 boys who have lived in Brazil for over a year and 3 boys who live in Brazil a less than a year, as well as girls. The work was based on the varionist sociolinguistics (LABOV, 2008), (RUBIO, 2012). Our result showed that Guinean students accepted more use of the reflexive pronoun Se than its erasure. While two conditioning factors: male gender accepted more insertion of the reflexive pronoun while girls erased it. Since more time in Brazil accepted more the use of the reflexive pronoun If in relation to its deletion and less time in Brazil the deletion of the reflexive clitic to its insertion, we obtain an equal result.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Pronome reflexivo “se”; Apagamento do pronome reflexivo “se”; Variação linguística.	Reflective pronoun If; Deletion of the reflexive pronoun Se; Linguistic variation.

INTRODUÇÃO

A língua não é um objeto estático, parado em um lugar ou em uma determinada época. Toda língua tem a tendência de sofrer mudança e a mudança linguística é um fenômeno natural (LABOV, 2008). Esta pesquisa nasceu na disciplina da Teoria de Gramática, optativa do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O trabalho tem como objetivo testar a aceitabilidade do apagamento do pronome reflexivo “se” pelos estudantes guineenses de Letras – Língua Portuguesa, da Unilab. O apagamento de pronome reflexivo “se” pode ser considerado, na língua portuguesa, de acordo com a gramática normativa, inadequado, pois o adequado é a utilização do pronome reflexivo. No entanto, o apagamento do pronome reflexivo “se” é algo perfeitamente adequado, pois a gramática normativa não é única variedade da língua portuguesa, a língua não é homogênea.

A língua portuguesa é o idioma oficial da Guiné-Bissau, isto é, é língua do ensino, da documentação oficial do país, do judiciário e da administração pública. No entanto, até agora, não é a língua do dia a dia, é uma língua restrita somente ao universo escolar e universitário e, também, na imprensa escrita do país. É falada como segunda língua ou como terceira, por 13% da população guineense. A língua dominante no país é o Bissau-guineense (crioulo), falada por 75% a 80% dos cidadãos guineenses.

Além disso, o país possui várias línguas étnicas (COUTO; EMBALO, 2010). Perante esse cenário, os estudantes guineenses só têm contato com a língua portuguesa na escola e os estudiosos da língua portuguesa na Guiné-Bissau afirmam que seu ensino é voltado para a abordagem estrutural, de uma forma descontextualizada e sem observar a realidade linguística dos estudantes (BALDÉ, 2013; CÁ, 2015; PINTO; CARVALHO, 2018; CÁ; RÚBIO, 2019).

Partindo dessa realidade, nossos participantes vieram em um país no qual ensino da língua portuguesa é pautado na abordagem tradicional. Neste sentido, queremos compreender, como estudantes de Letras, se o ensino da língua portuguesa do país da procedência interfere nas suas compreensões da língua, ou seja, se veem a língua como algo heterogênea.

Além da introdução, na qual consta o objetivo desta pesquisa, e contextualização deste estudo, nosso trabalho está dividido em cinco seções: na primeira seção, falamos sobre nosso suporte teórico, nomeadamente, a Sociolinguística Variacionista; na segunda, abordamos o pronome “se” nas três gramáticas que escolhemos para verificar como esse pronome é abordado. Na terceira seção, apresentamos a metodologia que utilizamos para atingir o objetivo deste estudo. Na quarta seção, analisamos e discutimos os resultados aos quais chegamos neste trabalho. Por fim, na quinta e última seção, constam nossas

considerações finais.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARICIONISTA

Esta seção tem como objetivo abordar o suporte teórico utilizado para atingir propósito do nosso trabalho. Este estudo é ancorado na Sociolinguística Variacionista, uma teoria linguística que surgiu nos Estados Unidos da América, tendo como o seu principal mentor William Labov.

Para Rubio (2012), o modelo que concebe a língua em relação com a sociedade teve o seu início em 1963, com Labov, e a partir daí, foi iniciada uma nova perspectiva, que estuda as línguas naturais, tendo focado nos fatores linguísticos que contribuíam para mudança da língua, como também nos fatores sociais. Neste sentido, a Sociolinguística Variacionista leva em consideração o contexto social no processo da investigação da língua. Nesta perspectiva, o sujeito da linguagem é um indivíduo real, “cuja performance depende de um falante/ouvinte real” (RUBIO, 2012, p. 80). Isso significa que o modo de falar de uma pessoa está relacionado com a comunidade a que ele pertence. Assim, a fala não seria algo totalmente individual, de acordo com essa abordagem de linguagem, como defende Saussure no Curso da Linguística Geral (1972).

Outro ponto importante a mencionar, é que a Sociolinguística Variacionista se distancia da visão da língua como sistema homogêneo e algo pronto, que não sofre mudança, como defendia também o Saussure, como podemos observar nesta citação: “pode-se, a rigor, conservar o nome de linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma linguística da fala. Será, porém, necessário não a confundir com a linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua” (SAUSSURE, 1972, p. 28).

É interessante observar, a partir dessa citação, que Saussure reconhece a existência da linguística de fala; porém, para ele, essa linguística não deve ser confundida com a verdadeira linguística, isto é, aquela linguística que tem como objeto a língua. A preferência de Saussure pela a língua é devido ao fato de essa ser entendida, por ele, como um sistema homogêneo que pode ser sistematizado para um determinado estudo, enquanto a fala sofre a variação, neste sentido, seria difícil estudá-la. Assumindo essa perspectiva, Saussure não leva em consideração aos fatores sociais que interferem no processo de mudança social, e é essa lacuna que a Sociolinguística Variacionista preenche nos estudos da língua, por isso estuda os fatores linguísticos e sociais que contribuem para mudança linguística.

Conforme Rubio (2012, p. 80), “a língua é concebida como um *continuum* heterogêneo, que sofre a ação constante de fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem uma ou outra variante linguística”. Ainda de acordo com essa

corrente, ou conforme Labov (2008), a mudança linguística não pode ser vista como algo acidental, mas como uma característica fundamental das línguas naturais. A variação implica o uso alternante de formas distintas para se transmitir um mesmo conteúdo informativo; já o conjunto destas alternâncias é chamado de *variável linguística* (RÚBIO, 2012). Labov (2008, p. 313) clarifica essa questão: “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”.

Observamos, a partir dessa citação, que em uma língua não há apenas uma forma para descrever determinado conteúdo referencial, pelo contrário, há várias formas para se comunicar em uma determinada língua. Neste sentido, o conhecimento social e estilístico do falante interfere na sua escolha, no momento da prática linguística. A título de exemplificação, a temática de nosso estudo, o apagamento do pronome reflexivo “se” e o seu uso estão em concorrência na língua portuguesa, já que ambos estão a ser usados pelos falantes dessa língua. Além disso, tanto o apagamento do pronome reflexivo “se” quanto seu emprego são variáveis da língua portuguesa, porque ambos podem ser usados para falar da mesma coisa. Por exemplo, um falante pode dizer: “os estudantes mudaram para Campinas” ou “os estudantes se mudaram para Campinas”.

Um indivíduo, a falar uma dessas frases, será compreendido facilmente por qualquer falante da língua portuguesa. Nesta ótica, a variação linguística não pode ser vista com estranheza, uma vez que, como disse Labov (2008), a mudança linguística é resultado de um processo natural e qualquer que seja a língua, tende a mudar, no decorrer do tempo. Como será observado na seção seguinte, as gramáticas normativas não abordaram o apagamento do pronome reflexivo “se”.

Porém, neste estudo, ele obteve o resultado muito significativo, como pode observar na seção de análise e discussões dos resultados. Por isso, não há como condenar qualquer mudança linguística, visto que, para Labov (2008), todas as línguas estão sujeitas à mudança e, além disso, as línguas são heterogêneas. Na próxima seção, discutiremos a compreensão da gramática sobre o pronome reflexivo “se”.

2 EXPLICAÇÃO GRAMATICAL SOBRE O PRONOME REFLEXIVO SE

Esta seção tem como objetivo apresentar as concepções em torno do pronome reflexivo “se”, a partir de três gramáticas, escolhidas, nomeadamente, *Gramática Contemporânea da língua Portuguesa* (INFANTE; NICOLA, 1997), *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009) e, por fim, a *Gramática da Língua Portuguesa* (MESQUITA, 2009).

2.1 PRONOME REFLEXIVO “SE” NA GRAMÁTICA DE INFANTE E NICOLA

Infante e Nicola (1997), na *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, trazem algumas classificações e funções que o pronome “se” pode desempenhar na língua portuguesa. Contudo, neste trabalho, somente nos interessa o uso deste pronome como reflexivo e recíproco. Segundo esses autores, o pronome “se” desempenha a função de pronome reflexivo nas “construções da chamada voz reflexiva do verbo [...]”, nas quais “o sujeito e o objeto verbal pertencem à mesma pessoa gramatical” (INFANTE; NICOLA, 1997, p. 401).

Isso significa que o processo verbal praticado pelo sujeito se incide sobre ele próprio. O exemplo colocado a seguir foi retirado da *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, segundo a qual o pronome “se” funciona como reflexivo: “talvez **ele se prepare** para o encontro”. Como podemos verificar, o ato de preparar recai sobre o próprio sujeito (“ele prepara a si mesmo”). Neste sentido, “se” funciona como pronome reflexivo, mostrando algo relacionado ao sujeito da oração, ou seja, a ação do sujeito da oração está voltada para ele mesmo, ele é beneficiário da sua própria ação.

Sobre o pronome o “se” funcionar como recíproco, para Infante e Nicola (1997), esse pronome é empregado como recíproco na construção da “voz reflexiva”. De acordo com os autores, há uma particularidade sobre esse uso, uma vez que existe “um sujeito simples plural ou um sujeito composto, o que faz com que os integrantes desse sujeito exercem o processo verbal um sobre ou outro” (INFANTE; NICOLA, 1997, p. 402). Também é importante ressaltar que, para os mesmos autores, o pronome reflexivo vale a “expressão um ao outro”, como podemos confirmar por meio dessa frase (INFANTE; NICOLA, p. 402): “os jogadores **se abraçaram** (isto é, abraçaram um ao outro)”. Todavia, não se observou a possibilidade do apagamento do pronome reflexivo “se” na gramática de Infante e Nicola (1997). A seguir, vamos ver também como o pronome “se” reflexivo é tratado na gramática de Bechara.

2.2 O PRONOME “SE” COMO REFLEXIVO EM BECHARA

De acordo com Bechara (2009, p. 176), a reflexividade se baseia em uma “inversão” ou “negação”. Isso quer dizer, conforme o autor, que nesta construção a transitividade verbal não ocorre. De outro modo, a transitividade do verbo “reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente)”. Como podemos constatar neste exemplo, retirado na sua gramática: “João se banha”, Bechara (2009) afirma que, de acordo com a nossa relação com o mundo, podemos interpretar essa frase de duas maneiras: na primeira, podemos dizer que João banha “a si mesmo ou ele banha outra

pessoa”, a segunda, “o João banha o filho pela manhã”. Para Bechara (2009), a reflexividade “própria” se aplica melhor na primeira interpretação.

Então, o referido autor considerou o exemplo “João se banha” como reflexividade do “próprio” sujeito, enquanto que em *João e Maria se amam* essa reflexividade não se trata da *reflexividade pura*, não obstante, *reflexividade recíproca*, argumentando que nosso conhecimento do verbo amar, quando se refere a dois sujeitos, é supor “o amor de alguém A dirigido a outro alguém B”. Por isso, essa frase pode ser compreendida do seguinte modo, conforme Brechara (2009): *João ama Maria ou Maria ama João*. Também não se verificou a descrição do apagamento do pronome reflexivo “se” na gramática de Bechara (2009). A seguir, veremos como o pronome reflexivo “se” é abordado na *Gramática da língua portuguesa*, de Mesquita (2010).

2.3 PRONOME REFLEXIVO “SE” EM MESQUITA

Mesquita (2010) compreende a voz reflexiva do mesmo modo que os autores já mencionados acima, nomeadamente, Bechara e Infante e Nicola. Para Mesquita (2010, p. 298), na voz reflexiva, “o sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo, ou seja, ele pratica e sofre a ação”. Desse modo, por meio dos exemplos a seguir, tirados na gramática do autor, podemos compreender melhor essa explicação. Em “a filha do pescador **feriu-se**”, “as meninas **pentearam-se**”, observamos que a explicação de que na voz reflexiva o sujeito é agente e, ao mesmo tempo, quem pratica a ação, o que pode criar a ambiguidade na primeira frase, ou seja, “a filha do pescador feriu-se”, uma vez que, sem contexto, é difícil saber se a filha do pescador foi quem praticou ato de ferir ou alguém a feriu. Neste caso, a filha do pescador seria apenas paciente e não agente. Além disso, Mesquita (2010) afirma que a voz reflexiva pode exercer, também, papel da reciprocidade.

Como podemos verificar nos exemplos colocados a seguir, retirados na sua gramática: “as meninas **pentearam-se** (pentearam uma a outra)”, “**adoram-se** como namorados (adoram um ao outro)” Neste sentido, percebemos que há reciprocidade entre as pessoas, no que diz respeito aos atos de pentear e de adorar.

A partir da análise das nossas gramáticas, observamos que não há menção específica à utilização do pronome reflexivo nulo ou apagamento do mesmo. Por exemplo, “**eles casaram ano passado**”. Esse tipo de uso não foi descrito nas gramáticas investigadas, embora o apagamento do pronome reflexivo “se” seja comum na língua portuguesa, haja vista a variedade linguística brasileira (SOUSA, 2011; OLIVEIRA, 2006).

3 METODOLOGIA

Esta seção tem como propósito descrever os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, como também discorrer sobre os sujeitos pesquisados e, por fim, sobre como foi feita a análise. Quanto à abordagem, a pesquisa é quali-quantitativa, e no que refere ao objetivo, é exploratória. Para poder atingir o objetivo que pretendemos com este estudo, primeiramente, fizemos uma pesquisa bibliográfica, na qual selecionamos três gramáticas da língua portuguesa, nomeadamente: *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009), *Gramática Contemporânea da língua Portuguesa* (INFANTE; NICOLA, 1997) e a *Gramática da Língua Portuguesa* (MESQUITA, 2010). Em seguida, analisamos essas gramáticas, com o intuito de compreender como que o clítico reflexivo “se” é entendido.

Posteriormente, fizemos teste de aceitabilidade (observar apêndice no final do deste texto) com 12 estudantes guineenses do curso de Letras - Língua Portuguesa, da Unilab. Conforme Bagno (2001), o teste de aceitabilidade ou teste de juízo da gramaticalidade é utilizado para verificar a intuição do falante em relação ao processo de mudança de um fenômeno linguístico. Ainda para autor, esse teste é útil na descrição linguística, que pode ser importante para um estudo que pretende, futuramente, pesquisar os fatores sociais, ou melhor, os fatores extralinguísticos e linguísticos que contribuem para uma determinada mudança linguística.

Nosso *corpus* foi coletado no final do mês do novembro e início de dezembro do ano de 2016. A maioria dos estudantes pesquisados preencheu o questionário no Campus da Liberdade e outros em suas casas, uma vez que houve a necessidade de irmos até estes, para que fosse aplicado o teste. É importante referir que aplicamos teste com 12 estudantes de ambos os sexos, como podemos observar no quadro 1, a seguir.

Quadro 1- Números dos sujeitos pesquisados.

Sujeitos da pesquisa (sexo masculino) que vivem há mais de um ano no Brasil	3
Sujeitos da pesquisa (sexo masculino) que vivem há menos de um ano no Brasil	3
Sujeitos da pesquisa (sexo feminino) que vivem há mais de um ano no Brasil	3
Sujeitos da pesquisa (sexo feminino) que vivem há menos de um ano no Brasil	3
Total	12

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após a coleta do *corpus*, fizemos nossa análise da seguinte maneira: primeiramente, analisamos as seis frases que escolhemos para fazer teste de aceitabilidade, com objetivo

de verificar qual é a frase que obteve maior percentagem da aceitabilidade. Em seguida, cada grupo, de acordo com o quadro 01 acima. Depois, comparamos os resultados do sexo masculino e do feminino, com o intuito de saber qual é o sexo que mais aceita o apagamento do pronome reflexivo “se”.

E por último, verificamos entre os estudantes que vivem há mais tempo no Brasil e aqueles que vivem no país há menos tempo, também com objetivo de constatar qual é grupo que mais aceita o apagamento do pronome reflexivo “se”. Feita essa contextualização metodológica, na seção seguinte apresentamos os resultados.

4 ACEITABILIDADE DO APAGAMENTO DO PRONOME REFLEXIVO “SE” PELOS ESTUDANTES GUINEENSES DE LETRAS DA UNILAB

Esta seção tem como propósito apresentar os resultados da aceitabilidade dos estudantes guineenses investigados em relação ao apagamento do pronome reflexivo “se”, uma vez que o uso do referido pronome é compreendido como inadequado de acordo com a gramática normativa da língua portuguesa. Nossas categorias de análise são: sexo e tempo de permanência no Brasil. O quadro 2, a seguir, apresenta o resultado das seis frases que escolhemos para fazer o teste de aceitabilidade.

Quadro 2 - Resultados de aceitabilidade das frases.

Frases	Sim	Talvez	Não
1. Eles se casaram ano passado	8 (66,66%)	3 (25%)	1(8,33%)
2. Eles cansaram ano passado	6 (50%)	6(50%)	0 (0%)
3. Maria se levantou rápido	9 (75%)	3 (25%)	0 (0%)
4 Maria levantou rápido	6(50%)	6(50%)	0 (0%)
5. Os estudantes se mudaram para campinas	7(58,33%)	4(33,33%	1(8,33%)
6. Os estudantes mudaram para campinas	7 (58,33%)	5(41,66%)	0 (0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro 2 apresenta três frases com pronome reflexivo “se” e três frases com o apagamento do pronome reflexivo “se”. Nas três frases que têm pronome reflexivo, a terceira frase obteve mais aceitação, tendo 75%. Em segundo lugar, vem a primeira frase, com 66,66%, e por último, a quinta frase, com 58,33%. Já em relação às frases com o apagamento do pronome reflexivo, a sexta é a que teve mais aceitabilidade, de 58,33%, enquanto as outras duas frases empataram, com 50%. Já na coluna com a opção “Talvez”, as frases com apagamento foram mais preenchidas. Na coluna de negação, a primeira e a quinta frases foram negadas, obtendo 8,33% cada. É importante ressaltar que as frases

negadas são aquelas com pronomes reflexivo “se”. A referida tabela mostra que o apagamento do pronome reflexivo “se” é avaliado de uma forma positiva pelos participantes. Neste sentido, a partir desse resultado, percebemos indícios da heterogeneidade da língua. No entanto, não sabemos se os estudantes desta pesquisa compreendem a língua assim, devido à limitação do teste de aceitabilidade.

Quadro 3 - Os resultados dos sujeitos da pesquisa que vivem no Brasil há mais de um ano.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
1. Reflexivo	9(100%)	0(0%)	0(0%)
2. Apagamento	3(33,33%)	6(66,66%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos observar, por meio do quadro 3, que apresenta os resultados dos sujeitos da pesquisa que vivem no Brasil há mais de um ano, que têm 100% de aceitabilidade de frases que têm a presença de pronome reflexivo “se”, enquanto o apagamento do pronome reflexivo somente tem aceitabilidade de 33,33%. Já 66,66% dos participantes indicaram como “Talvez”, e nenhuma frase foi negada por esses estudantes. É fundamental fazer esta observação, embora não haja a negação do apagamento do pronome reflexivo, “Talvez”, obtivemos um resultado muito significativo, isto é, 66,66%, uma percentagem maior do que a observada quanto ao apagamento do pronome reflexivo, que obteve 33,33%.

Isso mostra que os estudantes preferam o uso estabelecido pela norma padrão à norma não padrão, o que pode ser observado por meio da percentagem de 100% de aceitação que o pronome reflexivo obteve, como podemos constatar no quadro 3.

A nosso ver, a não negação de nenhuma frase mostra um indício de que os participantes compreendem a heterogeneidade da língua, uma vez que a língua não é um sistema acabado que não sofre nenhuma mudança. Pelo contrário, a língua muda de acordo com a realidade social dos seus falantes. O resultado do quadro 3, os sujeitos da pesquisa que moram no Brasil há mais de um ano é igual ao dos sujeitos da pesquisa que vivem no Brasil há menos de um ano, como o quadro 4, a seguir, aponta.

Quadro 4 - Os resultados dos sujeitos da pesquisa (sexo masculino) que vivem no Brasil há menos de um ano.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	9(100%)	0(0%)	0(0%)
Apagamento	3(33,33%)	6(66,66%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 – Os resultados dos sujeitos da pesquisa (sexo feminino) que moram no Brasil há mais de um ano.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	4(44,44%)	3(33,33%)	2(22,22%)
Apagamento	5(55,55%)	4(44,44%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro 5 indica o resultado obtidos por meio das respostas dos sujeitos da pesquisa do sexo feminino que moram no Brasil há mais de um ano, como podemos observar, embora não haja tanta diferença. Porém, os sujeitos da pesquisa do sexo feminino aceitaram melhor o apagamento do pronome reflexivo, com 55,55%, e a sua inserção ficou com 44,44%.

A negação do reflexivo obteve 22,22%, o que nos surpreende, visto que esses sujeitos são estudantes de Letras e praticamente, estão na metade do curso. Nossa hipótese não era encontrar a negação do uso do pronome reflexivo e nem o seu apagamento, pois elas podem ter consciência linguística maior, sobretudo no que diz respeito à variação linguística. É fundamental salientar que nos outros sujeitos pesquisados não houve rejeição da inserção do pronome reflexivo e nem ao seu apagamento, como podemos constatar nos quadros 3, 4 e 6.

Quadro 6 - Resultado obtidos por meio das respostas dos sujeitos da pesquisa (sexo feminino) que vivem no Brasil há menos de um ano.

Apagamento do pronome reflexivo Se	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	2(22,22%)	7(77,77%)	0 (0%)
Apagamento	8(88,88%)	1(11,11%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro 6 mostra o resultado dos sujeitos da pesquisa do sexo feminino que vivem no Brasil há menos de um ano. Como podemos constatar, elas aceitaram melhor o apagamento do pronome reflexivo “se”, com 88,22%, enquanto o uso do referido pronome ficou com 22,22%. Porém, nossa hipótese era encontrar mais aceitabilidade do reflexivo, em vez do seu apagamento, uma vez que tais estudantes estão morando no Brasil há menos de seis meses, e como na Guiné-Bissau praticamente os estudantes só entram em contato com a língua portuguesa na escola, o ensino da língua portuguesa é voltado para a abordagem estrutural da língua. Neste sentido, esperávamos que elas aceitassem o uso

que a gramática normativa entende como adequado do que o considerado inadequado.

Quadro 7 - Os resultados do sexo masculino.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	18(100%)	0(0%)	0(0%)
Apagamento	6(33,33%)	12(66,66%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 8 - Os resultados do sexo feminino.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	6(33,33%)	10(55,55%)	2(11,11%)
Apagamento	13(72,22%)	5(27,77%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos quadros 7 e 8 constam os resultados do sexo masculino e feminino: o sexo masculino aceitou mais o pronome reflexivo, com 100%, enquanto os sujeitos da pesquisa do sexo feminino preferem o seu apagamento, tendo 72,22%. É importante dizer que sexo masculino não negou o pronome reflexivo e nem o seu apagamento, enquanto para as participantes do sexo feminino o pronome reflexivo foi negado, com 11,11%, porém o apagamento não foi negado. Isso mostra que a preferência dos sujeitos da pesquisa do sexo masculino é voltada para o uso que está de acordo com a norma padrão, enquanto os sujeitos da pesquisa do sexo feminino preferem uso não padrão da língua.

Quadro 09 - Resultados dos estudantes com mais de um ano no Brasil.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	13(72,22%)	3(16,66)	2(11,11%)
Apagamento	8 (44,44%)	10 (55,55%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 10- Resultados dos estudantes com menos de um ano no Brasil.

Apagamento do pronome reflexivo	Sim	Talvez	Não
Reflexivo	11(61,11%)	7(38,88%)	0(0%)
Apagamento	11(61,11%)	7(38,88%)	0(0%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos verificar, nos quadros **09 e 10** constam os resultados das pessoas que moram há mais de um ano no Brasil e aquelas que moram há menos de um ano no Brasil. As pessoas que estão há mais tempo no Brasil aceitaram melhor o pronome reflexivo, com 72, 22%, enquanto nos resultados obtidos por meio das pessoas que moram no Brasil há menos tempo houve empate, como podemos constatar no quadro **10**.

Agora, é fundamental fazer uma síntese dos resultados: os estudantes guineenses do curso de Letras, participantes desta pesquisa, aceitaram melhor o uso do pronome reflexivo “se” do que o seu apagamento. No que refere ao sexo: o sexo masculino aceitou mais a inserção do pronome reflexivo e o sexo feminino, seu apagamento. Em relação ao tempo no Brasil: os estudantes que vivem no Brasil há mais tempo aceitaram melhor uso do pronome reflexivo do que o apagamento, e estudantes com menos tempo no Brasil, o apagamento do clítico reflexivo à sua inserção, obtemos resultado semelhante.

Neste sentido, comparando os dois fatores que pesquisamos, o fator sexo é mais significativo em relação ao fator tempo. Também devido à percentagem significativa que a aceitabilidade do apagamento do pronome reflexivo “se” obteve neste trabalho, entendemos que os participantes desta pesquisa compreendem a heterogeneidade da língua em relação ao comportamento do fenômeno em estudo. Deste modo, a visão destes participantes se distancia da visão da língua como um fenômeno homogêneo, concepção defendida pela gramática normativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo testar a aceitabilidade do apagamento do pronome reflexivo “se” pelos estudantes guineenses de curso de letras língua portuguesa da Unilab. Ao concluir esta pesquisa, constatamos que, das três gramáticas que escolhemos, com o propósito de analisar como entendem o pronome reflexivo “se”, nenhuma aborda o apagamento desse pronome. Assim, confirmamos a concepção homogênea da língua adotada pela gramática normativa.

Já em relação aos estudantes guineenses de Letras da Unilab, participantes desta pesquisa, constatamos que o apagamento do pronome reflexivo teve um resultado muito significativo. Porém, a inserção do pronome reflexivo é mais aceita pelos estudantes pesquisados. Por outro lado, em relação aos fatores condicionantes, sexo e tempo que vivem no Brasil, nosso resultado mostrou que entre os participantes do sexo masculino, houve 100% de aceitação do uso do pronome reflexivo “se”, e os do sexo feminino aceitaram mais o apagamento do pronome, com 72,22%.

Já em relação à questão do tempo em que vivem no Brasil, constatamos que os estudantes que vivem há maior tempo no Brasil aceitaram melhor o uso do pronome

reflexivo “se”, com 72,22%, em vez do seu apagamento, e para os estudantes que moram há menos tempo no Brasil, o uso do reflexivo e o seu apagamento obtiveram resultado semelhante, ou melhor, houve empate entre a inserção do clítico reflexivo “se” e o seu apagamento, com 61,11%.

É fundamental ressaltar que este estudo é baseado no teste de aceitabilidade, um procedimento metodológico que serve para investigar a intuição do sujeito em relação a um determinado fenômeno da língua. Neste sentido, estamos cientes da limitação dessa metodologia, porém, a nosso ver, é necessário que haja outros trabalhos utilizando a mesma metodologia no contexto da Unilab, desta vez investigando os estudantes de outros cursos, utilizando outras temáticas.

Além disso, estudo como este pode ser feito também na Guiné-Bissau, investigando outros fenômenos linguísticos, com o propósito de compreender a intuição dos falantes guineenses no que diz respeito à diversidade linguística. Afinal, esses trabalhos podem servir para levantamento de hipóteses das pesquisas que pretendem descrever, futuramente, a variedade do português guineense.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro?** Um Convite a Pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BALDÉ, B. **Formação de professores de língua portuguesa na escola normal superior “Tcheco Téa”**. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CÁ, I. N; RUBIO, C. F. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. **Trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 58.1: p. 389-421, jan./abr. 2019.
- CÁ, V. J. B. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- COUTO, H. H; EMBALÓ, F. **Literatura. Língua e cultura na Guiné-Bissau um país da CPLP.** – PAPIA, São Paulo, n. 20, 2010.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, M. São Paulo: Parábola, 2008.
- MESQUITA, R. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. 10. Ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- NICOLA, J; INFANTE, U. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.
- OLIVEIRA, M. **Nós se ciliçou-se?** Disponível em:
<http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril014pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- PINTO, A. A; CARVALHO, G. L. **Alfabetização e Letramento em Língua Portuguesa em Guiné-Bissau: Uma análise de Livros didáticos de 1ª e 3ª classe/série**. Disponível em
<http://www.repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1615/1/ARIANA%20DE%20ALMEIDA%20PINTO%20TCC.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. 391 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. In: SECHEHAYE, A; BALLY, C (Org). 4. ed. São Paulo: Citrix, 1972.
- SOUSA, J. A. **As estruturas reflexivas no português afro-brasileiro**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

**APÊNDICE****Teste de aceitabilidade**

Assinale com (x) quais dessas frases, com ou sem o pronome “SE”, você considera aceitáveis ou incorporadas ao seu português falado no Brasil. Não é um teste de correção gramatical, mas um teste que busca saber sua aceitabilidade quanto ao uso dessas frases no dia a dia. Assim, tente ser o mais honesto possível nas respostas, marcando apenas uma opção de cada vez.

Frases	Sim	Talvez	Não
1. Eles se casaram ano passado			
2. Eles casaram ano passado			
3. Maria se levantou rápido			
4. Maria levantou rápido			
5. Os estudantes se mudaram para campinas			
6. Os estudantes mudaram para campinas			

Sexo:

Masculino Feminino:

Idade:

Curso:

Nacionalidade:

Há quanto tempo no Brasil?

Título em inglês:

**THE ACCEPTANCE OF THE REFLECTIVE PRONOUN
DELETION “IF” BY THE GUINEAN STUDENTS OF THE UNILAB
LETTER COURSE**